

## PAIS NA FILA DE ADOÇÃO: APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO DE YOUNG

CARREIRO, Adriana Aparecida Garbin<sup>1</sup>

OLIVEIRA, Danielle Pitarelli de<sup>2</sup>

SILVA, Elaine Aparecida de Oliveira<sup>3</sup>

### RESUMO

A presente pesquisa se propôs investigar quais as características e os esquemas iniciais desadaptativos que mais prevalecem nos casais que estão aguardando na fila de adoção, utilizando como meio para coleta de dados um questionário sócio demográfico e o Questionário de Esquemas Iniciais Desadaptativos de Young (Young Schema Questionnaire YSQ-S3 de Jeffrey Young). A amostra selecionada contou com a participação de 15 casais, com idades que variaram de 25 a 50 anos e que já estavam habilitados para adoção, e o contato com essa população foi intermediado pelo Grupo de Apoio à Adoção de Cascavel - GAAC. Através dos resultados obtidos com a amostra pesquisada foi possível observar que os esquemas mais evidentes foram o de Abandono, Auto Sacrifício, Inibição Emocional, Padrões Inflexíveis, Autocontrole / Autodisciplina Insuficientes, Busca de Aprovação / Reconhecimento, e Postura Punitiva, e a partir da análise desses dados foi possível observar que alguns esquemas apresentaram fortes correlações entre si e também com outros que não estavam ativos na amostra. A presença destes esquemas desadaptativos poderá acarretar influências na vida desses casais e em suas decisões, desde a motivação pela busca da adoção e até mesmo, no manejo desses pais no convívio com a criança adotada. Portanto, a relevância dessa discussão e identificação de características desse perfil pode auxiliar na elaboração de estratégias para que esta relação entre pais e filhos adotivos possa transcorrer de forma funcional e saudável, minimizando os impactos psicoemocionais no público alvo da pesquisa e nas crianças adotadas.

**PALAVRAS CHAVES:** Esquemas Iniciais Desadaptativos; Adoção; Psicologia Cognitiva

### 1 INTRODUÇÃO

A procura pela adoção tem se mostrado atualmente em crescimento e a população que busca esse caminho para realizar o sonho de ter um filho é muito ampla e variável. Partindo de uma análise mais minuciosa, é possível perceber que a partir do momento que os pretendentes ingressam com o pedido de adoção, surgem demandas específicas destes indivíduos que vão além do desejo por um filho, revelando necessidades inerentes de cada sujeito e reflexos de suas histórias psíquicas que irão repercutir na relação a ser estabelecida com a criança (ALVARENGA e BITTENCOURT, 2013).

Segundo Levinzon (2015) é necessário entender e conhecer a história dos pais adotivos, uma vez que é comum pretendentes buscarem pela adoção pautados em demandas subjetivas, e muitas vezes incoerentes com o objetivo da adoção, levando os adotantes a recorrer a esta forma de parentalidade para satisfazer suas inspirações maternas e paternas de constituir uma família. Em conformidade com este posicionamento, Sequeira e Stella (2014) pontuam que diante destas perspectivas é comum ocorrerem motivações mal elaboradas que podem dificultar a inserção da criança na família adotiva.

<sup>1</sup>Professora e Orientadora do Curso de Psicologia do Centro Universitário FAG. E-mail: [psicoadry@hotmail.com](mailto:psicoadry@hotmail.com)

<sup>2</sup>Acadêmica do Curso de Psicologia do Centro Universitário FAG. E-mail: [daniellepitarelli@gmail.com](mailto:daniellepitarelli@gmail.com)

<sup>3</sup>Acadêmica do Curso de Psicologia do Centro Universitário FAG. E-mail: [elaine.aparecida27@hotmail.com](mailto:elaine.aparecida27@hotmail.com)

Dessa forma, entendendo que os processos de adoção acarretam uma relevante sobrecarga emocional nos pretendentes à adoção, com demandas significativas e de muita particularidade, o presente estudo buscou identificar os possíveis esquemas desadaptativos ativados nessa população. Os Esquemas Iniciais Desadaptativos (EID's) correspondem à percepções tendenciosas e distorcidas que afetam a cognição, o comportamento, a fisiologia e as emoções dos indivíduos, fazendo com que no decorrer de suas vidas exista uma vinculação destes esquemas desadaptativos à sua própria definição enquanto pessoa, e à maneira como irá enxergar os eventos que ocorrerão em sua vida (CALLEGARO, 2011). Diante dessas informações, o objetivo desta pesquisa foi investigar quais são os esquemas iniciais desadaptativos que mais prevalecem em casais na fila de adoção, avalia-los e levantar as principais características dessa amostra.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 O PAPEL DA PSICOLOGIA NA ADOÇÃO**

Segundo Shine (2014) a observação da história familiar e pessoal dos candidatos, bem como das características do relacionamento afetivo dos casais pretendentes à adoção, podem apresentar elementos relevantes que influenciarão o processo de adoção. Uma análise cuidadosa sobre a dinâmica familiar e conjugal, prováveis incompatibilidades ou particularidades dos vínculos existentes, informações sobre o lugar reservado para a criança no contexto dos adotantes, a investigação sobre a existência de um consenso entre os solicitantes, as expectativas em torno da criança, e até mesmo se existe a concordância com os demais familiares, são premissas que merecem atenção da equipe técnica.

Diante disso, o papel do psicólogo mostra-se determinante nesse processo, pois a partir de sua avaliação psicológica analisará os contextos tanto do adotado quanto do adotante, pautando-se em métodos e técnicas específicas, buscando tornar o processo mais humano. Seu propósito é investigar o sujeito em sua subjetividade em face não apenas da legislação, mas em todos os aspectos envolvidos na totalidade do indivíduo. Sendo assim, nos processos de adoção, a avaliação realizada com os adotantes visa avaliar as suas condições emocionais, cognitivas, psíquicas e de personalidade (FERREIRA, GOMES SANTOS, SALES, SANTANA e SANTOS, 2017).

A avaliação psicológica no processo adotivo, segundo Oliveira (2014), tem seu início com uma entrevista e anamnese realizada com os pretendentes objetivando elencar uma compreensão sobre o

sujeito. São apurados dados sobre todo o contexto e história de vida do adotante, elencando quando for o caso, situações e questões que se destacam e merecem ser trabalhadas durante o desenvolvimento do processo de adoção, podendo citar como exemplos as reais motivações que o levou a desejar adotar, suas crenças, o perfil da criança escolhida pelos pretendentes, bem como, as percepções destes indivíduos frente à adoção. Complementando, Ferreira et al. (2017) aponta que a partir das entrevistas realizadas com os pretendentes, é possível colher informações sobre os aspectos financeiros e ambientais necessários para a adoção de uma criança, auxiliando na coleta de dados que serão acrescentados ao relatório final apresentado pela equipe técnica ao juízo.

De acordo com o novo ordenamento jurídico sobre adoção, Lei Federal Brasil, nº 12.010/09, é necessário que os pretendentes à adoção passem por um curso preparatório, sendo este uma importante base de apoio às pessoas envolvidas neste processo. Conforme a colocação de Reis e Burd (2017), essa preparação visa reconhecer a subjetividade e singularidade do sujeito alinhando as variáveis do seu contexto e história, proporcionando acolhimento e auxiliando na construção de novos significados para as angústias que surgem durante o processo de adoção.

O curso preparatório para adotantes ainda atua de forma preventiva e visa minimizar possíveis consequências, uma vez que busca abordar questões delicadas que podem ser objeto de conflitos e interrogações dos pretendentes, proporcionando maior segurança diante dos desafios inerentes da adoção e preservando crianças e adolescentes de danos psicológicos e emocionais frente a um novo abandono ou violações de seus direitos. É necessário, portanto, que neste período de avaliação, os psicólogos trabalhem com os adotantes as questões motivacionais que os levaram a buscar pela adoção além da importância em conhecer a história pregressa da criança, a possibilidade de que os pais consigam avaliar determinados comportamentos que a criança possa reproduzir, e ainda, salientar para a importância da revelação da adoção para a criança (DUDAS, 2017; LINDNER, 2016).

A partir das informações e observações obtidas dos adotantes desde os primeiros contatos, eles serão avaliados e, desqualificados àqueles que não possuem condições de proporcionar um ambiente apropriado para a criança, que demonstre motivações incoerentes com a adoção, ou ainda, que não demonstrem oferecer vantagens para o adotando. O psicólogo é assim, o profissional que será responsável em sugerir a possibilidade, ou não, da continuidade do processo de adoção (RECH, DEMARCO e SILVA, 2017).

De acordo com Shine (2014) o psicólogo ainda exerce atuação após a adoção, visto que é o responsável por acompanhar o estágio de convivência, e é nessa etapa que os pais contrastam a imagem do filho esperado/idealizado com o filho real. O psicólogo atua, portanto, realizando a

supervisão do processo de adaptação entre a criança e seus novos pais, auxiliando no esclarecimento de dúvidas ou dificuldades que possam surgir, bem como avaliar a ocorrência de situações delicadas que podem implicar em riscos ao bom prognóstico da adoção.

E por se tratar de uma demanda delicada e envolta de intensa subjetividade, Andrade, Nascimento, Soares e Melo (2016) abordam a importância de se ter respaldo em uma equipe técnica qualificada, que irá auxiliar na identificação das reais motivações do candidato que busca adotar uma criança. Assim também Ferreira et al. (2017) aludem que a atuação do psicólogo forense é regulada no código profissional e seus procedimentos são pautados com ética e empatia auxiliando perante os conflitos que podem surgir durante o processo de adoção, e desta maneira contribuir tecnicamente no processo.

## 2.2 AS MOTIVAÇÕES DOS CASAIS PELA ADOÇÃO

A percepção que a sociedade tem sobre a adoção vem se modificando graças às alterações jurídicas e a formação de grupos de apoio aos adotantes que trazem esclarecimentos aos interessados no assunto, ressaltando ainda, a evolução do tema em discussões e a normalização da cultura da adoção dentro das atuais configurações familiares. Entretanto, ainda se demanda relevante atenção para os mitos e preconceitos que cercam a adoção, além das poucas pesquisas que visam analisar a elaboração de significados, da subjetividade e dos aspectos psicológicos junto aos interessados em realizar essa prática de parentalidade. Neste cenário é necessária uma análise sobre o papel da família junto à criança, pois o vínculo dela com a família, em diferentes arranjos, obtém visibilidade nos dias atuais (VALÉRIO e LYRA, 2014; COSTA e KEMMELMEIER, 2013; MORELLI, SCORSOLINI-COMIN e SANTEIRO, 2015; BAUMKARTEN, BUSNELLO e TATSCH, 2013).

Os preconceitos de acordo com Souza e Casanova (2008), se devem à crenças que foram socialmente aprendidas em ambientes sociais ou familiares e que são sustentadas como verdades. Na adoção esses preconceitos cercam tanto os pretendentes como as crianças que são adotadas, podendo serem vistos através da falta de estímulo de familiares e pessoas próximas aos adotantes, das falas sobre as dificuldades e histórias de insucesso em adoções, além da possibilidade da criança trazer problemas hereditários. O mais acertado nessas situações para mudar tais circunstâncias, de acordo com as autoras, é o enfrentamento, buscando esclarecimentos e reconhecendo as demandas que afligem o sujeito envolvido neste processo.

A presença de conceitos do senso comum são pontos que devem ser avaliados com cuidado, principalmente quando se trata de uma adoção homoafetiva. A equipe técnica demanda uma atenção especial de cuidado na elaboração de suas avaliações técnicas para que estas fiquem isentas de qualquer preconceito, ainda mais por observar que alguns operadores do direito se inclinam em explicar a adoção por homossexuais como algo menos favorável para a criança. Neste contexto se torna relevante em todos os casos, que seja feita uma avaliação na qual se identifique possíveis benefícios ou prejuízos à criança adotada, o que não está relacionado com orientação sexual dos pretendentes. (SCORSOLINI-COMIN, FERREIRA e NUNES, 2015).

A busca pela adoção vem revelar muito além da vontade de se ter um filho, ela evidencia, portanto, as particularidades e as necessidades intrínsecas de cada sujeito, bem como traços de sua história psíquica que influenciarão na relação com a criança adotada. Sendo assim, a motivação dos casais que buscam pela adoção são diversas e se distinguem conforme suas vivências, personalidade e crenças, que são particularidade a cada sujeito (ALVARENGA e BITTENCOURT, 2013; COSTA e KEMMELMEIER, 2013).

Salienta Baumkarten et al. (2013) que diferente de uma gravidez biológica, a possibilidade de fazer escolhas de sexo, cor e idade da criança, muitas vezes surge como uma maneira de satisfazer o desejo ou a necessidade do casal, diferente do atual objetivo da adoção, que é trazer a possibilidade de uma família para a criança, e não o contrário. Diante desta perspectiva, torna-se necessário orientar e apoiar os interessados pela adoção para trabalhar com suas demandas subjetivas a fim de conceber uma adoção sólida, pautada no amor e no afeto.

Segundo Levinzon (2015), são várias as motivações que levam uma pessoa a buscar pela adoção, e cita como principais justificativas a esterilidade, a possibilidade de escolha do sexo da criança, o medo de uma gestação, o preenchimento do vazio ocasionado pela perda de um filho, a vontade de ter mais filhos diante de uma idade avançada onde uma gravidez não é mais possível, a ausência de um parceiro, e ainda, a adoção por caridade, vindo à autora alertar que estas motivações podem acarretar em prejuízos e dificuldades na relação do convívio familiar e na formação de um vínculo sadio. Ainda, para Scorsolini-Comin et. Al (2015), existem outros fatores motivacionais que merecem atenção, como o medo da solidão, repetição da história familiar, ou até mesmo, a tentativa de salvar um casamento fadado ao fim.

É importante, também, que os pretendentes se observem e analisem os seus preconceitos, sua disponibilidade afetiva, sua situação financeira, busquem conhecimento das prováveis dificuldades que podem ocorrer, e principalmente, de que estão escolhendo ser pai e mãe, e no caso de casais,

ambos devem estar de acordo com a decisão em adotar, pois o contrário, poderá acarretar no insucesso da adoção. Ainda, torna-se relevante, além de uma preparação psicológica, a organização dos lugares no espaço físico onde moram, bem como organizar suas vidas para assumir essa nova posição de trabalho, horários de escola, alimentação e tudo o que envolve a criação e a educação de crianças (SOUZA E CASANOVA, 2012; BAUMKARTEN, BUSNELLO, TATSCH, 2013).

Ressalta ainda Morelli et al. (2015) que a criação do vínculo e parentalidade se apresenta como sendo um movimento contínuo e importante, onde se faz necessário refletir, entender e trabalhar as motivações e as crenças elaboradas ou adquiridas culturalmente pelos casais que buscam a adoção, visando minimizar impactos na relação dentro desta nova estrutura familiar, inclusive, evitando o fracasso do processo adotivo. Muitos estudos apontaram a importância do papel dos grupos de apoio aos pretendentes à adoção, pois estes auxiliam no processo de preparação, aumentando as possibilidades de reconstrução de histórias familiares, conjugal e parental. Complementam Bicca e Grzybowski (2014), que a idiossincrasia dos adotantes e das crianças são fatores relevantes nesse processo, pois auxiliam na percepção dos mesmos diante de acontecimentos que geram sentimentos contraditórios e na formação de vínculos. Os embaraços comuns no início da convivência são adaptados de acordo com a subjetividade de cada um e cabe aos adotantes se organizarem.

Também são abordadas em estudos as motivações permeadas pela fragilidade psicológica e emocional do desejo de ser pai ou mãe, ligado à incapacidade de concretizar esta vontade, vindo ser relevante a vivência do luto pelo filho biológico, pois se este não for bem elaborado, poderá acarretar prejuízos no relacionamento com a criança. Comportamentos do adotando que confrontam com as expectativas dos adotantes, podem gerar sentimento de rejeição e lembrar aos pais que aquela criança não é fruto de sua estrutura biológica (LEVINZON, 2015; GONDIM, CRISPIM, FERNANDES, ROSENDO, BRITO, OLIVEIRA e NAKANO, 2008).

Os pretendentes devem estar preparados para enfrentar todos os percalços que acompanham o processo de adoção, podendo citar como exemplo as críticas sociais e desaprovações, tornando necessária uma boa elaboração de seus sentimentos e receios, bem como consciência das motivações que os levaram adotar uma criança, e ainda, é primordial que se respeite o tempo subjetivo e psicológico em que os acontecimentos se sucedem, tanto dos adotantes, como dos adotados, alinhando com o tempo jurídico, que impõe prazos aos trâmites legais e necessários ao processo de adoção. Sendo assim, a decisão em adotar uma criança precisa estar embasada no afeto, na responsabilidade e na compreensão para conseguir superar as dificuldades e os percalços da morosidade do processo de adoção, e com o propósito de minimizar os conflitos vivenciados nesse

período, se revela importante o acompanhamento de psicólogos, proporcionando um amparo especializado visando minimizar os possíveis abalos emocionais decorrentes desse processo jurídico (ANDRADE, NASCIMENTO, SOARES e MELO, 2016; BAUMKARTEN, BUSNELLO, TATSCH, 2013; DUDAS, 2017).

A adoção produz uma avalanche de sentimentos e esperança quanto ao futuro, os macrossistemas envolvidos nesta relação levam a um direcionamento desses candidatos, e as características da criança, a família biológica, medos e crenças sobre os laços sanguíneos, que influenciam diretamente na vida dos pais e dos filhos sejam eles biológicos ou adotivos, pois a adoção implica uma conscientização de que não há um lado sem o outro, e ambos merecem reflexão, e respeito por essa atitude tomada (HUBER e SIQUEIRA, 2010).

O psicólogo vem assim, intervir com relevância em todas as etapas que envolvem o processo de adoção, principalmente no apoio e preparação dos pretendentes enquanto vivenciam à espera do filho tão esperado. Diante de sua atuação é possível proporcionar auxílio aos casais que perpassam esta fase e assessorar na elaboração dos diversos sentimentos envolvidos neste percurso. Destaca-se que esse profissional é capacitado e preparado para levar em consideração a subjetividade e a ambivalência emocional que podem interferir nos motivos que levam os requerentes a decidir sobre adotar uma criança (VALÉRIO e LYRA, 2016; ANDRADE et al., 2016; ALVARENGA e BITTENCOURT, 2013).

## 2.3 OS ESQUEMAS INICIAIS DESADAPTATIVOS E A INFLUÊNCIA NA VIDA DE UM INDIVÍDUO

De acordo com Young, Klosko e Weishaar (2008), os esquemas iniciais desadaptativos (EID's) são padrões cognitivos e emocionais autoderrotistas que são desenvolvidos durante a infância e adolescência, elaborados no decorrer da vida do indivíduo e repetidos de forma significativamente disfuncional ao longo da vida, são portanto, sentimentos e crenças incondicionais sobre si mesmos e em relação ao ambiente. Ainda de acordo com os autores, a família de origem tem um papel importante para formação de esquemas diante da interação com pais, irmãos, parentes, professores, amigos entre outros vínculos interpessoais da criança.

Do mesmo modo Wainer (2016) partilha que cada sujeito apresenta uma estrutura psíquica única que é formada através da relação entre temperamento, interações ambientais e o nível de necessidades emocionais básicas, em resultado aos cuidados advindos de seus cuidadores durante os

primeiros anos de vida. Sendo assim, o autor aponta que as experiências infantis apresentam uma função crucial no desenvolvimento da personalidade do indivíduo, pois são responsáveis por possibilitar ou não o provimento das necessidades emocionais básicas da criança, podendo acarretar no desenvolvimento de Esquemas Iniciais Desadaptativos caso essas necessidades não sejam minimamente supridas.

Ainda para Wainer (2016) os EID's são padrões cognitivos e emocionais alusivos às representações de si e dos outros, com desenvolvimento prematuro na vida do sujeito e se repetem durante todo seu desenvolvimento vital, podendo trazer sofrimentos e prejuízos em diversos contextos. O autor ainda complementa que o suprimento das necessidades básicas nos primeiros anos, de vida é de extrema importância, pois dará suporte para que a criança aprenda a lidar com as adversidades do dia a dia, sendo as doses de afeto, segurança, conforto emocional entre outras, que proporcionarão uma base segura para que ela cresça e se desenvolva de forma adequada.

Segundo Young (2003) os EID's evidenciam temas bastante estáveis e duradouros, apresentando um grau disfuncional significativo e que serve como modelo para a elaboração de experiências posteriores. Corroborando com essa ideia, Callegaro (2011) traz os EID's como formações inadequadas ou disfuncionais que provocam uma distorção na percepção, afetando o comportamento, a cognição, as emoções bem como sua fisiologia, tornando-se uma característica pessoal do indivíduo e seu modo de entender os acontecimentos ao seu redor.

Para Guimarães, Souza e Santos (2017), os esquemas disfuncionais utilizam-se das experiências e acontecimentos expressivos dando novo significado e direcionamento a eles. Torna-se primordial a satisfação das necessidades emocionais básicas do indivíduo em cada fase de sua vida, o papel dos pais nessa relação principalmente na primeira infância e a cultura direciona o indivíduo a desenvolver habilidades e no enfrentamento dos acontecimentos da vida adulta.

Para Young, Klosko e Weishaar (2008), existem 18 esquemas como modelo que foram reunidos em 05 categorias maiores das necessidades emocionais que não foram atendidas, no qual denominamos Domínios Esquemáticos:

O 1º Domínio Esquemático é classificado em Desconexão e Rejeição caracterizando os pacientes como pessoas com dificuldades em formar vínculos duradouros com os outros. Este domínio é subdividido em cinco itens para explicar tal perfil. O primeiro é o esquema Abandono-Instabilidade, que leva o indivíduo à sensação que seus entes queridos não estarão ao seu lado e o deixarão a qualquer momento. O segundo esquema é o de Desconfiança e Abuso, no qual o indivíduo tem sempre a sensação de que será enganado pelos outros sendo humilhado, manipulado



intencionalmente. O terceiro esquema Privação emocional é a espera que seus sentimentos sejam correspondidos, podemos ainda dividi-lo em três partes: privação de cuidados; de empatia; e de proteção. Quarto esquema de Defectividade e Vergonha compõe-se no sentimento que o indivíduo apresenta não ser digno do amor dos outros, de ser ruim e inferior. Tal esquema se resume na vergonha de se expor perante os demais. Quinto esquema de Isolamento social e Alienação onde o indivíduo sente-se diferente dos outros não se encaixando em nenhum grupo ou comunidade.

O 2º Domínio Esquemático é o de Autonomia e Desempenho prejudicados, forma-se através de seu histórico familiar comumente composto por emaranhamentos, superproteção e falta de estímulos para desenvolver-se sozinho, criando sua percepção de dependência. No Sexto esquema de Dependência e incompetência, o indivíduo tem a percepção de si mesmo, como incapaz de realizar as tarefas do dia a dia sozinho e de tomar decisões corretas. O Sétimo esquema, Vulnerabilidade ao dano ou à doença, pode se subdividir em a) catástrofe sobre a saúde; b) catástrofe emocionais c) catástrofe externas. O indivíduo sofre um medo exagerado de que algo irá lhe acontecer a qualquer momento. Oitavo esquema é o Emaranhamento/Self subdesenvolvido, o abarcamento com outras pessoas se faz de maneira excessiva, dificultando um curso social normal, muitas vezes sente-se sufocado e sufoca as relações dando a sensação de um vazio existencial. Nono esquema de Fracasso, acredita ser inferior aos outros em vários ambientes e que sempre irá fracassar, pois suas crenças são negativas ao seu respeito, como sendo burro e inapto.

O 3º Domínio Esquemático é o de Limites prejudicados, sua infância foi marcada pela permissividade, excesso de tolerância, falta de orientação ou sensação de superioridade, falta de responsabilidades, e tolerância a desconfortos normais cotidianos. Décimo esquema Arrogância/grandiosidade, o indivíduo acredita estar acima das regras normais e tem privilégios diante das outras pessoas, falta-lhe empatia e não se importa com os outros. O Décimo primeiro esquema de Autocontrole/autodisciplina insuficientes, o indivíduo demonstra contrariedade em se controlar e alto índice de frustração em relação aos seus objetivos, evitando toda espécie de desconfortos.

O 4º Domínio Esquemático é o de Direcionamento para o outro, normalmente os indivíduos desse domínio ultrapassam suas necessidades para atender as dos outros, como forma de receber atenção e aceitação incondicional. Décimo segundo esquema Subjugação, está subdividido em a) subjugação das necessidades b) subjugação das emoções, acredita que sua opinião não importa para os demais, sua postura é passivo-agressiva, com frequência tem o aumento de raiva e consequentemente sintomas psicossomáticos e pode se encaminhar para o abuso de álcool ou drogas. O décimo terceiro esquema Auto sacrifício, maior que o conceito de dependência, o sofrimento alheio

lhe causa culpa e para evitar tais sentimentos, cumpre excessivamente a função de ajudar o outro à custa da própria gratificação. O Décimo quarto esquema Busca de aprovação/ busca de reconhecimento, necessidade excessiva da aprovação e atenção dos outros, muitas vezes ultrapassa suas vontades para atender o outro visando reconhecimento e admiração.

O 5º Domínio Esquemático de Supervigilância e Inibição, seu histórico familiar é severo, punitivo, normativo, perfeccionista, na qual as emoções não podem ser expressas, e a sensação de que se houver algum descuido as coisas desencadearam de maneira negativa. No Décimo quinto esquema de Negativismo/ pessimismo, ocorre a generalização de tópicos negativos e exagerados da realidade, comumente estas pessoas estão mais propensas as preocupações e indecisões crônicas. Décimo sexto esquema Inibição emocional, e para evitar a desaprovação, o indivíduo evita expor seus sentimentos e ações perante os demais. Podemos subdividir em classes: a) inibição da raiva e agressão; b) inibição de impulsos positivos; c) dificuldade de expressar vulnerabilidade ou livremente seus sentimentos; d) ênfase excessiva na racionalidade. Décimo sétimo esquema Padrões inflexíveis/postura crítica exagerada, normalmente manifestam-se padrões perfeccionistas, regras rígidas, eficiência e tempo para pontuais atitudes, se sobrecarregando para avançar, visando evitar críticas. Décimo oitavo esquema Postura punitiva, tal indivíduo tem uma tendência a não aceitar erros impondo castigos, tanto a ele quanto aos outros se assim cometer tais delitos, têm dificuldade em aceitar seus defeitos e os alheios não sendo empático com os outros.

Young e colaboradores (2008), reforçam que a ativação de algum esquema desencadeará sentimentos, pensamentos e comportamentos disfuncionais de acordo com o esquema relacionado, levando a pessoa a comportamentos de fuga a esquivas, ou de imobilidade o que gera sofrimento psíquico ao indivíduo. Para cada esquema ativado cria-se estratégias de enfrentamento para atender as necessidades emocionais de acordo com suas características.

### **3 ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS**

Trata-se de uma pesquisa quantitativa que teve como objetivo verificar a existência ou não de esquemas iniciais desadaptativos em casais que aguardam na fila de adoção, qualificando-se ainda como descritiva, visto que seu objetivo foi discriminar as características de uma determinada população ou fenômeno estabelecendo relações entre variáveis (GIL, 2008). Os dados coletados foram apresentados de forma quantitativa, pois segundo Mattar (2011), o estudo quantitativo busca a verificação das hipóteses por meio da utilização de dados estruturados, estatísticos, utilizando a

análise de um número de casos representativos, procurando quantificar os dados e generalizar os resultados da amostra.

Ainda, a pesquisa nos termos técnicos, se configurou como de levantamento, pois buscou descrever características coletadas através de questionamentos diretos às pessoas cujo comportamentos desejava-se conhecer. Busca-se coletar informações de um grupo de indivíduos em relação ao problema estudado, para em seguida, por meio de análise quantitativa, obter os resultados análogos dos dados coletados (GIL, 2008). Esta pesquisa ainda se classificou como aplicada, pois segundo Kawark (2010), seu objetivo é produzir conhecimentos para aplicação prática, destinada à solução da problemática levantada.

O acesso ao público alvo do estudo foi intermediado através do GAAC - Grupo de Apoio à Adoção de Cascavel, onde, durante o encontro do grupo foram sorteados aleatoriamente 15 casais que estavam habilitados para adoção para responderem aos questionários da pesquisa. O grupo trabalha visando a orientação de pretendentes à adoção, desmistificando crenças errôneas sobre o tema, auxiliando numa melhor elaboração das expectativas dos pretendentes comparando-as com a realidade, principalmente quanto aos perfis mais procurados e os que estão disponíveis para a adoção.

Foi utilizado um questionário sociodemográfico estruturado, com questões fechadas, a fim de buscar informações a respeito das características gerais dos participantes da pesquisa, como idade, sexo, estado civil, escolaridade, dentre outras particularidades. Quanto ao instrumento utilizado para coletar as informações específicas da pesquisa, foi aplicado o Questionário de Esquemas Iniciais Desadaptativos de Young (Young Schema Questionnaire YSQ-S3 de Jeffrey Young), traduzido e adaptado por Carlos Eduardo Seixas e Silvio Vasconcellos (2005). O questionário possui noventa itens subdivididos em cinco categorias chamadas de domínios de esquemas, que são Desconexão e Rejeição; Autonomia e Desempenho Prejudicados; Limites Prejudicados; Direcionamento para o Outro; e Supervigilância e Inibição, que analisam dezoito esquemas iniciais desadaptativos que são: Abandono/Instabilidade; Desconfiança/Abuso; Privação Emocional; Defectividade/Vergonha; Isolamento Social/Alienação; Dependência/Incompetência; Vulnerabilidade a Danos e Doenças; Emaranhamento; Fracasso; Merecimento/Grandiosidade; Autocontrole e Autodisciplina Insuficientes; Subjugação; Auto Sacrifício; Busca de Aprovação/Reconhecimento; Negativismo/Pessimismo; Inibição Emocional; Padrões excessivos/rígidos de realização e Postura Punitiva.

Tais recursos foram manuseados em prol de adquirir resultados quantitativos por meio do instrumento software SPSS 22.0, que forneceu suporte para atingir o objetivo da pesquisa e auxiliou na discussão dos dados.

#### 4 ANÁLISES E DISCUSSÕES

Para a realização da pesquisa foi considerada uma amostra de 15 casais, destes, 14 foram pares heterossexuais correspondendo a 93% da amostra, e 01 par homoafetivo que correspondeu a 7%, totalizando 30 indivíduos. Quanto à cor da pele, 63% (N=19) dos participantes do estudo se identificaram como brancos, 30% (N=9) como pardos e 7% (N=02) negro. A idade dos participantes variou entre 30 e 44 anos, sendo que a idade entre 30 e 34 anos, correspondeu 30% da amostra (N=09), dos 35 aos 39 anos e dos 40 aos 44 anos, corresponderam 27% (N=08) para ambos. O percentual de 7% (N=02) referem-se aos indivíduos com idade que varia entre os 25 aos 29 anos, 3% (N=01) de indivíduo com idade entre os 45 aos 50 anos, e 6% (N=02) indivíduos acima dos 50 anos.

Em relação à idade dos pretendentes, o resultado desta pesquisa corrobora com o estudo de Silva, Mesquita e Carvalho (2010) que trouxeram que a idade dos pretendentes à adoção varia entre 30 e 40 anos, e segundo os autores, a procura pela adoção nesta fase se dá em razão ao momento de vida que enfrentam, quando se observa uma maior maturidade e no envolvimento com trabalho, aquisição de uma casa própria, casamento e o planejamento de filhos.

Não existe na literatura nenhum estudo que indique uma idade ideal para se adotar, mas se destaca a importância em dar uma atenção maior quando se mostra uma diferença muito grande entre a criança e os pais, pois essa discrepância pode provocar um distanciamento que poderá acarretar dificuldades no acompanhamento do desenvolvimento da criança, como por exemplo, menor disposição física, além da diferença de gerações, que poderá acarretar em conflitos diante de realidades e ideias diferentes (SOUZA e CASANOVA, 2012; LANSER, 2007).

Nos dados referentes à escolaridade da amostra pesquisada, os resultados mostraram que 40% (N=12) dos participantes possuem ensino superior completo, indivíduos que dispõem de pós-graduação, correspondem a 20% (N=06), a população com ensino médio completo correspondeu a 13% (N=04), e ensino superior incompleto correspondem a um percentual de 13% (N=04). Quanto ao ensino fundamental incompleto o percentual foi de 7% (N=02) e ensino médio incompleto também apresentou percentual de 7% (N=02). De acordo com Silva et al. (2010) a escolaridade dos casais que

buscam pela adoção prevalece em nível superior devido à esta população ser detentora de melhores perspectivas financeiras, auxiliando numa melhor oferta de qualidade de vida à criança.

Na análise dos dados apresentados referentes à renda familiar, 33% (N=10) dos participantes possuem renda igual ou superior a R\$8.500,00, seguido por 30% (N=09) para renda igual ou maior que R\$2.863,00, e o percentual de 20% (N=6) da população da pesquisa com renda a partir de R\$ 5.725,00, os dados ainda mostram que 17% (N=5) dos casais possuem renda familiar a partir de R\$ 954,00. Para Souza e Casanova (2008) é relevante uma análise sobre a situação financeira dos pretendentes à adoção, o que não quer dizer que será dado privilégios aos adotantes com maior poder aquisitivo, mas sim, deverá ser observado se os mesmos possuem condições de proporcionar para a criança um ambiente adequado que possibilite atender às suas necessidades básicas.

De uma forma geral, diante dos resultados acima obtidos com a amostra deste estudo, foi possível observar uma similaridade com informações obtidas no endereço eletrônico do Senado, onde através de uma análise de dados realizada com mais de 29 mil candidatos existentes no Cadastro Nacional de Adoção foi traçado um perfil socioeconômico dos pretendentes à adoção no Brasil. Naquele estudo, foi possível observar que quase 90% correspondem a casais, 76,82% com idades entre 30 e 50 anos e 70% apresentavam renda de classe média, variando entre dois e dez salários mínimos (Senado). Estes dados corroboram com os resultados da presente pesquisa.

Sobre ser adotado, apenas 01 participante se identificou como sendo filho adotivo, e uma informação que se destacou na análise dos dados foi o fato de que 70% (N=21) da amostra estudada possui algum parente adotivo, frente a 30% (N=9) que não tem nenhum parente com vínculo adotivo. Segundo Souza e Casanova (2008) é comum os indivíduos buscarem pela adoção como um desejo ou projeto de vida, ou ainda, por querer seguir exemplos de outras pessoas. Já Scorsolini-Comin et.al (2015), destacam a importância de se analisar os fatores motivacionais que os casais apresentam para buscar pela adoção, pois motivos como o medo da solidão, repetição da história familiar, ou até mesmo, a tentativa de salvar um casamento fadado ao fim merecem uma relevante atenção da equipe técnica que fará a avaliação, pois se tratam de motivações errôneas e que podem acarretar dificuldades na criação de vínculo com a criança.

Em referência ao dado sobre já ter filhos biológicos, o estudo apresentou o resultado de que 80% (N=24) dos indivíduos não possuem filhos biológicos, frente a 20% (N=6) que têm filhos biológicos. Este dado pode ser compreendido com a análise de Souza e Casanova (2008), evidenciando a existência de casais que já possuem filhos biológicos, mas que ainda desejam ampliar a família através da adoção, ou seja, não possuem nenhum impedimento em ter uma gestação

biológica, mas querem adotar simplesmente pelo fato de desejarem a adoção. Nesses casos, quando já há um filho biológico, as autoras falam da relevância sobre a criança passar por uma preparação para a chegada de um irmão, visando minimizar o surgimento de conflitos e dificuldades, como por exemplo, ciúmes e comportamentos regressivos no filho biológico, na tentativa de chamar a atenção dos pais para si.

Sobre já ter um filho adotivo, 87%(N=26) da amostra pesquisada, não possuem filho adotivo, enquanto 13% (N=4) já o possuem. Para Souza e Casanova (2008), o filho adotivo que já está naquele núcleo familiar também terá que adotar o irmão que está para chegar, dividindo com ele seus pais e seu espaço. O diálogo é importante para auxiliar na criação de laços afetivos, compreensão e paciência entre as crianças, e assim, como no caso de filhos biológicos, também poderão ocorrer situações de ciúmes e o surgimento de comportamentos regressivos com o objetivo de reivindicar a atenção dos pais.

Quanto à dificuldade de gestar um filho biológico a população que informou ter algum impedimento corresponde a 33% (N=10), enquanto 67% (N=20) da amostra pesquisada não apresenta nenhuma dificuldade. Souza e Casanova (2012) apontam que quando um dos parceiros possuem problemas com fertilidade, o casal precisa trabalhar juntos com esta demanda buscando minimizar o impacto dessa situação na vida afetiva do casal, visto que um deles acabará renunciando a sua fertilidade em favor de uma adoção para atender o desejo do seu parceiro.

Na amostra estudada apenas 7% (N=02) realizaram procedimentos médicos para tentar uma gestação biológica, enquanto 93% (N=28) não fizeram nenhuma tentativa. Para Souza e Casanova (2012) os casais que não conseguem engravidar podem buscar por ajuda médica, mas irão enfrentar procedimentos cirúrgicos ou tratamentos que muitas vezes são dolorosos, e acabam sendo alvos de brincadeiras maldosas sobre sua fertilidade. As autoras ressaltam ainda, que esses casais podem, inclusive, desenvolver sofrimento psicológico, pois passam por frustrações, tratamentos e muitos outros sentimentos que mexem com sua autoestima e criam angústias nos pretendentes diante das cobranças da sociedade.

Quanto aos dados sobre o Questionário de Young na amostra pesquisada composta por casais habilitados para adoção, foi possível observar que a prevalência de esquemas desadaptativos ativados se deram nos Domínios esquemáticos 1 (Desconexão e rejeição), 3 (Limites prejudicados), 4 (Direcionamento para o outro), 5 (Supervigilância e inibição) com predominância neste último. Já os esquemas inclusos em cada domínio foram o de Abandono, Auto Sacrifício, Inibição Emocional,

Padrões Inflexíveis, Autocontrole / Autodisciplina Insuficientes, Busca de Aprovação / Reconhecimento e Postura Punitiva.

Os indivíduos que apresentam o esquema de Abandono ativado corresponderam a 7% (N=02), onde um foi do sexo masculino e o outro do sexo feminino, compreendendo uma pequena parcela da amostra. As características deste esquema são de pessoas que demonstram instabilidade ou falta de confiança naqueles que fazem parte de seu convívio, e acreditam que estes não serão capazes de proporcionar um amparo emocional, força ou proteção, ficando suscetíveis a vivenciarem situações de abandono, e os sentimentos e emoções que mais prevalecem nessas pessoas são medo, raiva, tristeza e desespero (YOUNG et al., 2008). De acordo com Lanser (2002) nenhum dos objetivos dos pretendentes em adotar uma criança devem visar o preenchimento de qualquer vazio, insegurança ou medo, pois diante destas perspectivas, o adotante não irá desenvolver uma paternidade bem sucedida ou adequada. Souza e Casanova (2012) corroboram dizendo que quando casais adotam por se sentirem sozinhos, acabam esperando que a criança venha preencher suas necessidades de afeto e companhia, não dando atenção para o fato de que as mesmas irão crescer, construir suas vidas, e sair de casa, levando o casal a vivenciar uma situação de abandono.

Na análise dos dados obtidos 17% (N=05) tiveram escore indicando que o esquema de Auto Sacrifício estava ativado, porém, não de maneira tão expressiva. Segundo Young et al. (2008), os indivíduos que prevalecem com o esquema de Auto Sacrifício em evidência, costumam focar excessivamente em atender as necessidades alheias deixando de lado os seus próprios interesses, sustentando uma percepção de que seus sentimentos, emoções e desejos são menos importantes do que os de outras pessoas. De acordo com Souza e Casanova (2018), durante o processo de adoção é comum que um dos cônjuges concorde com a adoção quando percebem esse desejo em seu parceiro, buscando uma maneira de agradá-lo e, desta forma, acabam tomando uma decisão impulsiva, imatura e precipitada, apresentando assim uma motivação inadequada para a adoção, as autoras ainda alertam que se um dos pares aceita a adoção para contemplar o desejo do outro, geralmente o processo adotivo se dissolve.

O esquema de Padrões Inflexíveis foi o que mais indivíduos pontuaram, onde segundo os dados obtidos, a amostra correspondente foi de 30% (N=9), sendo que 78% (N=7) foram do sexo masculino. De acordo com Young et al. (2008) os Padrões Inflexíveis estão ligados a um elevado padrão de exigências e costuma acarretar sentimentos de pressão ou ainda, dificuldades em desacelerar, e no estabelecimento de críticas exageradas em relação à outras pessoas e a si mesmo. Segundo Souza e Casanova (2012) os sentimentos que os adotantes vivenciam são os mais diversos, e é esperado o

surgimento de uma extrema vontade dos pais em acertar e não cometer erros com os filhos, de se ter êxito e, por outro lado, os adotantes também são acompanhados de incertezas e desconfianças diante do que está por vir. Para Souza e Casanova (2008) existem fatores que os pais precisam lidar, como aceitar a aparência, a índole e a individualidade da criança que vai chegar, além dos preconceitos vindos da sociedade, daí um dos motivos para muitos adotantes preferirem bebês ou crianças muito pequenas, pois se deparam com sua inflexibilidade diante à crença de que poderão criar e educar o filho de acordo com seus princípios. As autoras ainda ressaltam que a motivação da adoção precisa ser consciente, e que se os pais forem flexíveis, abertos, tranquilos e disponíveis, é muito provável que a adoção ocorra de forma satisfatória, minimizando as possíveis dificuldades que possam ocorrer.

Com a chegada da criança as diferenças existentes entre o casal na forma de educar e agir podem se mostrar presentes. Para minimizar essas diferenças os adotantes precisam reavaliar regras, a conduta e as maneira de educar a criança, e principalmente, ter consciência de que são os pais adotivos e seus familiares que precisam se adaptar à criança, e não o contrário (SOUZA e CASANOVA, 2018).

Quanto ao esquema de Autocontrole / Autodisciplina Insuficientes apenas 3% (N=01) da amostra obteve escore correspondente ao esquema, que, segundo Young et al. (2008) referem-se à e indivíduos que apresentam dificuldade ou recusa de lidar com a tolerância e autocontrole, à frustrações ao buscar metas pessoais, ou controlar a expressão de suas emoções e impulsos, levando, geralmente, o indivíduo a apresentar um comportamento que busca evitar qualquer situação de desconforto, mesmo que isso venha ocasionar prejuízos em sua realização pessoal. De acordo com Souza e Casanova (2012), a espera pela chegada da criança gera nos pretendentes grande ansiedade, e atenta para o fato de que muitos casais não possuem a paciência necessária para vivenciar a espera e as expectativas que fazem parte do processo jurídico.

Quanto ao esquema de Busca de Aprovação e Reconhecimento 17% (N=05) da amostra preencheram os requisitos necessários para ativação, sendo que 60% (N=3) são do sexo masculino. Quem apresenta este esquema ativado são os indivíduos que procuram se adaptar, buscar seu reconhecimento, aprovação e atenção junto à outras pessoas, e o seu senso de autoestima depende de maneira relevante às reações alheias que os outros demonstram sobre si (YOUNG et al., 2008). As autoras Souza e Casanova (2012) salientam sobre o erro em buscar a adoção visando alcançar apenas uma afirmação social, relatam que é comum os casais sem filhos serem pressionados pelo ambiente, sofrendo críticas e chegando muitas vezes a colocar em dúvida a feminilidade da mulher e a virilidade do homem. Os casais se frustram por não conseguirem desempenhar o papel que a sociedade impõe,



o de serem pais, e de acordo com Souza e Casanova (2008) ainda precisam superar o medo de não serem amados pelos futuros filhos.

O esquema de Inibição Emocional mostrou-se ativado em 17% (N=05) da amostra, no qual 80% (N=4) referem-se a indivíduos do sexo masculino. Segundo Young (2008), o esquema de Inibição Emocional relaciona-se à pessoas com dificuldades em expressar seus sentimentos por meio de ações ou comunicações buscando evitar a desaprovação de outras pessoas. Diante dos dados coletados o resultado desta pesquisa vai a favor dos estudos apresentados por Luz, Santos, Cazassa e Oliveira (2012) que apontaram que os homens mostram uma maior tendência em apresentar o esquema de Inibição Emocional, pois costumam isolar suas emoções e evitar abordagens emocionais, o que ocorre de forma diferente com o sexo feminino.

Da amostra analisada apenas 3% (N=01) obteve escore correspondente ao esquema de Postura Punitiva, sendo este indivíduo do sexo masculino. Segundo Young et al. (2008) as pessoas que apresentam este esquema ativado acreditam que os indivíduos que cometem erros precisam ser punidos e ostentam características intolerantes, zangadas, impacientes e punitivas com elas próprias e com as demais pessoas que não atendem às suas expectativas ou seus padrões pessoais. Ainda demonstram dificuldades relacionadas à tolerância, bem como, resistência em considerar empatia diante de sentimentos e condições atenuantes mediante às imperfeições humanas. Segundo Souza e Casanova (2018) os adultos apresentam reflexos e respostas sobre seu histórico familiar, experiências e a forma como se relacionam com o ambiente, vindo ser oportuno que os futuros pais reflitam sobre essas questões para que elas não interfiram no relacionamento com a criança. Ainda de acordo com as autoras, após a chegada da criança no novo lar e passado o período de lua de mel entre os adotantes e a criança, surgem os testes, desentendimentos, regressões no comportamento e frustração de expectativas, podendo chegar até mesmo na desistência da família em formação.

Observou-se ainda que 53% (N=16) do total de indivíduos da amostra (N=30) preencheram critérios para ativação em algum esquema inicial desadaptativo. Dentre esses, 62% (N=10) eram do sexo masculino e 38% (N=06) eram do sexo feminino, o que demonstra que os homens apresentaram maior incidência nos esquemas ativados do que as mulheres. Outro dado importante que deve ser levado em consideração, é que entre a amostra houveram indivíduos que pontuaram em mais de um esquema.

Sobre a correlação entre os esquemas, foi possível observar que alguns apresentam uma correlação significativa, com 95% de confiabilidade positiva entre si, contudo, optou-se por avaliar apenas a correlação entre os esquemas que foram ativados, ou seja, com escore de 4 ou mais no

instrumento, sendo estes os esquemas de abandono, auto sacrifício, inibição emocional, padrões inflexíveis, autocontrole insuficiente, busca de aprovação e postura punitiva.

Tabela 01: Correlação entre os Esquemas Iniciais Desadaptativos

|                           | Privação Emocional | Abandono | Desconfiança e Abuso | Isolamento Social / Alienação | Defectividade / Vergonha | Fracasso | Dependência / Incompetência | Vulnerabilidade ao Dano e Doença | Emaranhamento | Subjugação | Autosacrifício | Inibição Emocional | Padrões Inflexíveis | Arrogo / Grandiosidade | Autocontrole / Autodisciplina / Insuficientes | Busca de Aprovação / Reconhecimento | Negatividade / Pessimismo | Postura Punitiva |
|---------------------------|--------------------|----------|----------------------|-------------------------------|--------------------------|----------|-----------------------------|----------------------------------|---------------|------------|----------------|--------------------|---------------------|------------------------|-----------------------------------------------|-------------------------------------|---------------------------|------------------|
| Privação Emocional        | 1                  |          |                      |                               |                          |          |                             |                                  |               |            |                |                    |                     |                        |                                               |                                     |                           |                  |
| Abandono                  | 0,642*             | 1        |                      |                               |                          |          |                             |                                  |               |            |                |                    |                     |                        |                                               |                                     |                           |                  |
| Desconfiança e Abuso      | 0,318              | ,694*    | 1                    |                               |                          |          |                             |                                  |               |            |                |                    |                     |                        |                                               |                                     |                           |                  |
| Isolamento Social         | ,470*              | ,541*    | ,552*                | 1                             |                          |          |                             |                                  |               |            |                |                    |                     |                        |                                               |                                     |                           |                  |
| Defectividade / Vergonha  | ,853*              | ,702*    | ,473*                | ,608*                         | 1                        |          |                             |                                  |               |            |                |                    |                     |                        |                                               |                                     |                           |                  |
| Fracasso                  | ,473*              | ,494*    | 0,228                | ,483*                         | ,500*                    | 1        |                             |                                  |               |            |                |                    |                     |                        |                                               |                                     |                           |                  |
| Depend. / Incomp.         | ,716*              | ,830*    | ,529*                | ,520*                         | ,794*                    | ,607*    | 1                           |                                  |               |            |                |                    |                     |                        |                                               |                                     |                           |                  |
| Vulnerab. Dano/Doença     | ,521*              | ,817*    | ,553*                | ,625*                         | ,620*                    | ,384*    | ,661*                       | 1                                |               |            |                |                    |                     |                        |                                               |                                     |                           |                  |
| Emaranhamento             | ,513*              | ,642*    | ,463*                | ,542*                         | ,498*                    | 0,275    | ,575*                       | ,489*                            | 1             |            |                |                    |                     |                        |                                               |                                     |                           |                  |
| Subjugação                | ,530*              | ,737*    | ,533*                | ,653*                         | ,633*                    | ,783*    | ,758*                       | ,530*                            | ,551*         | 1          |                |                    |                     |                        |                                               |                                     |                           |                  |
| Autosacrifício            | 0,198              | ,585*    | ,587*                | ,379*                         | ,406*                    | 0,326    | ,607*                       | ,423*                            | ,450*         | ,684*      | 1              |                    |                     |                        |                                               |                                     |                           |                  |
| Inibição Emocional        | 0,233              | 0,325    | 0,274                | ,398*                         | ,478*                    | -0,063   | ,399*                       | ,423*                            | 0,172         | 0,229      | 0,340          | 1                  |                     |                        |                                               |                                     |                           |                  |
| Padrões Inflexíveis       | 0,183              | ,364*    | ,474*                | ,385*                         | ,426*                    | 0,245    | 0,360                       | 0,329                            | 0,154         | ,508*      | ,655*          | ,405*              | 1                   |                        |                                               |                                     |                           |                  |
| Arrogo / Grandiosidade    | 0,304              | ,540*    | ,457*                | ,649*                         | ,366*                    | 0,335    | ,420*                       | ,438*                            | ,617*         | ,656*      | ,532*          | 0,264              | ,443*               | 1                      |                                               |                                     |                           |                  |
| Autocontrole Insuficiente | ,426*              | ,559*    | 0,359                | ,470*                         | ,412*                    | ,546*    | ,510*                       | 0,349                            | ,603*         | ,719*      | ,369*          | 0,002              | 0,201               | ,663*                  | 1                                             |                                     |                           |                  |
| Busca de Aprovação        | ,427*              | ,766*    | ,640*                | ,526*                         | ,511*                    | ,601*    | ,599*                       | ,531*                            | ,533*         | ,792*      | ,546*          | -0,006             | ,455*               | ,613*                  | ,729*                                         | 1                                   |                           |                  |
| Negatividade / Pessimismo | ,405*              | ,745*    | ,720*                | ,407*                         | ,539*                    | 0,343    | ,565*                       | ,726*                            | 0,350         | ,511*      | ,431*          | 0,243              | ,508*               | 0,350                  | ,492*                                         | ,696*                               | 1                         |                  |
| Postura Punitiva          | 0,292              | ,462*    | ,414*                | 0,156                         | 0,317                    | ,375*    | ,369*                       | 0,304                            | 0,101         | ,402*      | 0,300          | 0,135              | ,430*               | 0,162                  | 0,173                                         | ,440*                               | ,514*                     | 1                |

\*. A correlação é significativa no nível 0,05 (bilateral).

Fonte: Elaborado pelas autoras da pesquisa.

Os esquemas que apresentaram fortes correlações positivas foram: abandono com defectividade/vergonha (0,702); abandono com dependência/incompetência (0,830); abandono com vulnerabilidade de dano a doença (0,817); abandono com subjugação (0,737); abandono com busca de aprovação (0,766); abandono com negatividade e pessimismo (0,745). Autocontrole Insuficiente com subjugação (0,719), busca de aprovação com subjugação (0,792), busca de aprovação com autocontrole/autodisciplina insuficiente (0,729). O indivíduo que tem abandono como esquema ativado, pode vivenciar a sensação de que as pessoas próximas à ele poderão abandoná-lo a qualquer momento, vindo a se sentir incapaz, bem como, a sensação de não ser aprovado pelas pessoas com quem convive. Ao buscarem de maneira excessiva a aprovação de outras pessoas, justifica o esquema de autocontrole insuficiente, pois este, tem como características a dificuldade em lidar com frustrações e controlar suas emoções e impulsos, evitando assim, toda espécie de desconforto (YOUNG et al., 2008).

A presente pesquisa também se deparou com a presença de esquemas com correlação negativa, sendo estes, a busca de aprovação com inibição emocional (-0,006) e inibição emocional com fracasso (-0,063). Portanto, entende-se que estando ativo o esquema de inibição emocional, proporcionalmente nos participantes deste estudo, ocorreu a redução da presença de ativação do esquema de fracasso e busca de aprovação. Algo que pode justificar a presença deste fenômeno, seria o fato de que, por meio da inibição emocional, os participantes buscam evitar expressar suas emoções e pensamentos, com receio de obterem desaprovação por parte dos outros, dessa forma, agindo de tal maneira, qual seja, inibindo suas emoções, ocasionalmente deixariam de ter contato com emoção de fracasso, bem como também, desaprovação dos outros. Segundo Young (2003) para manter um esquema ativado ocorrem distorções cognitivas que se refletem em comportamentos onde o indivíduo encontra na evitação estratégias para fugir do sofrimento, sendo que a presença de tais distorções pode auxiliar a manter o esquema ativo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos através do estudo destes dados proporcionou o levantamento das principais características sociodemográficas e a identificação dos esquemas desadaptativos dos casais que estão habilitados para adoção numa amostra no Oeste do Paraná, bem como, as diferenças entre os esquemas ativados nestes participantes, auxiliando no melhor entendimento da população pesquisada, oportunizando pensar em intervenções mais pontuais que visem auxiliar na minimização dos índices de rejeição e sofrimento gerado quanto ao processo de adoção, e melhor manejo no processo de adaptação entre o adotado e os adotantes.

Os esquemas que se mostraram ativados foram o de Abandono, Auto Sacrifício, Inibição Emocional, Padrões Inflexíveis, Autocontrole / Autodisciplina Insuficientes, Busca de Aprovação / Reconhecimento e Postura Punitiva, e os dados obtidos sobre a caracterização da população corroboram com outros estudos já realizados. Ainda, quanto à prevalência de esquemas ativados, foi constatado que se deu em maior percentual nos indivíduos do sexo masculino, com relevante destaque para os domínios 4 e 5, enquanto os indivíduos do sexo feminino pontuaram em mais domínios, mas com intensidade menos significativa quando comparada com a proporção masculina. Ainda, os dados relacionados à correlação mostraram que os esquemas que estavam ativados, apresentaram fortes correlações entre si e também, com outros esquemas, embora neste último caso, optou-se por não discuti-los já que não estavam ativos na amostra pesquisada.

Considerando uma avaliação mais detalhada sobre possíveis esquemas desadaptativos ativados nos casais habilitados para adoção, identificaram-se pontos específicos em destaque para serem trabalhados, quais sejam, a temática do abandono, padrões inflexíveis e inibição emocional, visando portanto, minimizar possíveis dificuldades que estes pretendentes possam enfrentar ao receberem uma criança em seus lares, pois a adoção requer altos investimentos de afeto e emoção, além de grande empenho para superar os medos e preconceitos pessoais e sociais que os envolvidos no processo vivenciam.

Ponderando sobre as informações coletadas diante deste estudo foi possível observar que o assunto ainda é pouco discutido no meio científico visto a escassez de artigos encontrados relacionados ao tema. Deste modo, sugere-se a realização de novos estudos sobre o assunto para promover um aprofundamento no conhecimento sobre essa área, auxiliando em investigações para melhor entender a subjetividade e motivações que levam indivíduos a buscarem por esse meio de construir uma parentalidade.

## REFERÊNCIAS

ALVARENGA, L. L.; BITTENCOURT, M. I. G. A Delicada Construção de um Vínculo de Filiação: O Papel do Psicólogo em Processos de Adoção. **Pensando Famílias**. Porto Alegre, V. 17, nº 1, P. 41-53, Julho 2013.

ANDRADE, W. T. V. S.; NASCIMENTO, A. F. G.; SOARES, M. M.; MELO, T. C. L. A influência do psicólogo no processo de adoção. **Cadernos de Graduação**. V. 3, nº 3, 2016.

BAUMKARTEN, S. T.; BRUSNELLO, F.; TATSCH, D. T. Adoção: conhecendo as expectativas e os sentimentos dos pais do coração. **Perspectivas em Psicologia**. V. 17, nº 2, p. 03-19, Julho / Dezembro 2013.

BICCA, A; GRZYBOWSKI, L. S. Adoção tardia: percepções dos adotantes em relação aos períodos iniciais de adaptação. **Contextos Clínicos**. São Leopoldo, v. 7, n. 2, p. 155-167, Dezembro, 2014.

BRASIL. Lei nº 12.010. Promulgada em 03 de agosto de 2009. Dispõe sobre adoção; altera as Leis nº 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente, 8.560, de 29 de dezembro de 1992; revoga dispositivos da Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 - Código Civil, e da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943; e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília, 02 de setembro de 2009.

CALLEGARO, M. M. A neurobiologia da terapia do esquema e o processamento inconsciente. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**. Rio de Janeiro. V.1 nº1, Junho 2005.

CALLEGARO, M. M. **O Novo Inconsciente**: como a terapia cognitiva e as neurociências revolucionaram o modelo do processamento mental. Porto Alegre: Artmed, 2011.

COSTA, L. T. M.; KEMMELMEIER, V. S. O olhar de futuros pais sobre o processo de adoção. **Psicologia Argumento**. Curitiba, V. 31, nº 72, p. 187-196, Janeiro / Março 2013.

DUDAS, C. Curso de preparação psicossocial e jurídico aos pretendentes à adoção: encontro com a realidade e reflexões acerca da adoção. **Revista Conversatio**. Vol. 2, nº 2, p. 46-50, Edição Especial. Janeiro / Junho 2017

FERREIRA, A. A. C.; GOMES SANTOS, J. J.; SALES, L. P. C. B.; SANTANA, R. R. S.; SANTOS, T. R. S. Avaliação Psicológica Forense no contexto da adoção nacional e em pares. **Psicologia.pt**. 2017.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª Ed. Atlas. São Paulo, 2008.

GONDIM, A. K.; CRISPIM, C. S.; FERNANDES, F. H. T.; ROSENDO, J. C.; BRITO, T.M.C.; OLIVEIRA, U. B.; NAKANO, T. C. Motivação dos pais para a prática da adoção. **Boletim de Psicologia**. 2008. V. LVIII, Nº 129, p. 161-170.

GUIMARÃES, L.; SOUZA, M. S. SANTOS L. A. Esquemas desadaptativos remotos e suas influências nos comportamentos de codependência de profissionais da enfermagem. **Perspectiva Ciência e Saúde**. V. 2, Nº 2, 2017.

HUBER, M. Z; SIQUEIRA, A. C. Pais por adoção: a adoção na perspectiva dos casais em fila de espera. **Psicologia Teoria e Prática**. São Paulo, v. 12, n. 2, p. 200-216, Fevereiro 2010.

KAUARK, F.; MANHÃES, F. C.; MEDEIROS, C. H. **Metodologia da pesquisa**: um guia prático. Via Litterarum. Bahia, 2010.

LANSER, E. A. **Adote seu filho todos os dias**. Blumenau: Nova Letra, 2007.

LANSER, E. A. **Pais adotivos**: suas angústias e certezas. Blumenau: Nova Letra, 2002.

LEVINZON, G. K. A curiosidade na adoção: terreno pantanoso ou saúde psíquica?. **Desidades**, Rio de Janeiro. v. 7, p. 10-20, jun. 2015

LINDNER, A. A. **Adoção internacional**: aspectos psicológicos e papel do psicólogo no processo de adoção. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Psicologia). Biblioteca Digital Unijui. Universidade Regional Unijui. Ijuí, RS.

LUZ, F. Q.; SANTOS, P. L.; CAZASSA, M. J.; OLIVEIRA, M. S. Diferença nos esquemas iniciais desadaptativos de homens e mulheres. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**. Pg. 85-82, 2012.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de Marketing**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MORELLI, A. B.; SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTEIRO, T. V. O "lugar" do filho adotivo na dinâmica parental: revisão integrativa de literatura. **Psicologia Clínica**. Rio de Janeiro. 2015, V.27, nº1, p. 175-194.

OLIVEIRA, R. R. **Os critérios e estratégias utilizados por Assistentes Técnicos Judiciários Psicólogos na avaliação de pretendentes à adoção.** 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo.

REIS, G. F.; BURD, A. C. S. J. Contribuições da psicologia no preparo dos envolvidos em processos de adoção tardia. **Revista Brasileira de Ciências da Vida**, v. 6, n. 1, dezembro, 2017.

RECH, N. B.; DEMARCO, T. T.; SILVA, N. M. O.F. O papel do psicólogo na adoção. **Anuário Pesquisa e Extensão Unoesc Videira**. V. 2. 2017.

SEQUEIRA, V. C.; STELLA, C. Preparação para adoção: grupo de apoio aos candidatos. **Psicologia: Teoria e Prática**. 2014, V.16, n.1, p. 69-78.

SCORSOLINI-COMIN, F.; PEREIRA, A. K.; NUNES, M. L. T. **Adoção: legislação, cenário e práticas**. 1ª ed. São Paulo: Vetor, 2015.

SHINE, S. **Avaliação psicológica e lei: adoção, vitimização, separação conjugal, dano psíquico e outros temas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.

SILVA, L. A.; MESQUITA, D. P.; CARVALHO, B. G. E. Investigando o processo de adoção no Brasil e o perfil dos adotantes. **Revista de Ciências Humanas**. Florianópolis, Vol. 44, nº 01, pg. 191-204, Abril / 2010.

SOUZA, H. P.; CASANOVA, R. P. S. **Adoção e seus desafios**. Curitiba: Juruá, 2018.

SOUZA, H. P.; CASANOVA, R. P. S. **Adoção: o amor faz o mundo girar mais rápido**. Curitiba: Juruá, 2012.

SOUZA, H. P.; CASANOVA, R. P. S. **Adoção: exercício de fertilidade afetiva**. São Paulo: Paulinas, 2008.

TABORDA, C. R. **Adoção: A Família no processo adotivo**. 2014. Tese (Doutorado em Psicologia). Biblioteca Digital Unijui. Universidade Regional Unijui. Ijuí, RS.

VALÉRIO, T. A. M.; LYRA, M. C. D. P. A construção cultural de significados sobre adoção: um processo semiótico. **Psicologia e Sociedade**. Minas Gerais, V. 26, nº 3, p. 716-725, 2014.

WAINER, R.; PAIM, K.; ERDOS, R.; ANDRIOLA, R.(orgs.). **Terapia Cognitiva Focada em Esquemas**: Integração em Psicoterapia. Porto Alegre: Artmed, 2016.

YOUNG, J. E.; KLOSKO, J. S.; WEISHAAR, M. E. **Terapia do Esquema**: guia de técnicas cognitivo – comportamentais inovadoras. Porto Alegre: Artmed, 2008.

YOUNG, J. E. **Terapia Cognitiva para Transtornos da Personalidade**: uma abordagem focada em esquemas. São Paulo: Artmed, 2003.